

AS AÇÕES POLÍTICO-MILITARES DE AGRÍCOLA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRETÃ EM TÁCITO

Victor Hugo de Arruda Lucena dos Santos

Resumo: No final do período republicano romano a figura do chefe militar ganhou cada vez mais poder político e social. Grandes personalidades surgiram a partir desse contexto sendo vistas, em grande parte, como representantes de determinadas virtudes valorizadas na cultura romana. Nas obras do historiador romano Tácito é possível perceber a construção de um perfil semelhante ao tratar do chefe militar Agrícola e traçar seus contrapontos com outros líderes descritos de forma negativa. Assim, ao longo da obra, não só é criado um perfil do romano idealizado, através da figura de Agrícola, como também é feito processo semelhante ao atribuir características e comportamentos específicos ao povo bretão criando para eles uma identidade própria baseada na ótica romana do autor. Quais são, então, as virtudes ideais que destacam um chefe militar no campo político em Tácito? Como são feitos os contrapontos negativos nessa relação? De que maneira a criação de uma identidade para o povo bretão atua no processo de idealização de Agrícola? Através da obra “Agrícola”, busco analisar como Tácito desenvolve o processo de idealização da ascensão político-militar romana e de que forma a construção da identidade bretã se insere nesse processo.

Palavras-chave: Agrícola, Tácito, Britânia.

Imperialismo romano e a conquista do Outro

Depois da vitória nas Guerras Púnicas a política externa romana se reestruturou e se complexificou. A ampliação do domínio romano sobre outros povos, que se deu a partir desse momento, passou a seguir a lógica do imperialismo, que surgiu mais expressivamente em Roma em fins do período republicano e esteve presente no centro da política externa durante o Império. Essa política dava base para as conquistas extraterritoriais em favor, num primeiro momento, da busca por espólios de guerra e apresamento de escravos, e, posteriormente, da adoção de uma política tributária regular e consolidação do modelo político-econômico romano. Para o autor Norberto Luiz Guarinello:

O imperialismo antigo manifesta-se através do estabelecimento de um diferencial de poder, obtido ou não por meio da ação militar direta – cuja possibilidade consubstancia e assegura esse poder – e que proporciona um fluxo centrípeto de bens para a cidade-Estado em expansão. Trata-se, assim, sempre da relação entre um centro acumulador – o centro do poder – e uma periferia submetida e explorada. As categorias de vantagens materiais e imateriais que compõem tal fluxo, bem como as modalidades de expressão e exercício de tal poder, podem variar profundamente no tempo e no espaço. Exemplos são a busca de riquezas imediatas e em grande volume através do saque e da pilhagem, a obtenção de territórios para os

cidadãos desprovidos de terra ou o estabelecimento de uma tributação fixa que proporcione uma renda estável à cidade-Estado dominante. Incluem-se, igualmente, fatores diretamente ideológicos, como o prestígio militar advindo das conquistas, que alteram o quadro das forças políticas na metrópole. (1994, p.11-12)

Essa perspectiva do autor é ampliada em outro texto, ainda que mantenha a mesma ideia principal da relação de poder entre povos.

É neste sentido que definimos o termo imperialismo como a ação de pensar, colonizar, controlar terras, que não são as suas, são distantes, habitadas e pertencentes a outros povos. É a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante, governando um território distante. Pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social e cultural. É a criação de uma dinâmica específica da dependência, que sobrevive em determinadas práticas econômicas, políticas, sociais e ideológicas, ou seja, em uma esfera cultural geral. Concluimos, pois, que o imperialismo é um processo da cultura metropolitana, entendida como um conjunto de códigos de identificação, referência e distinção geográfica, controle, autoridade, dependência, vantagem e desvantagem, cuja função é a de sustentar, elaborar e consolidar a prática imperial. Estamos nos referindo a todas as formas de construções culturais, perante as quais temos uma percepção dos processos de regulação e coesão, que sustentam e reproduzem a hegemonia. (BUSTAMANTE; DAVIDSON; MENDES, 2005, p.21-22)

Dessa maneira, os autores mostram como o processo imperialista pressupõe o estabelecimento de uma relação de poder entre dois povos diferentes. Mais que isso, essa relação de poder traz consigo a intensificação também do processo de alteridade, já que amplia o contato do cidadão romano com aquele que é diferente de sua cultura, o Outro. Fenômeno que chega, até mesmo, a exigir novas posturas políticas e, conseqüentemente, novas percepções dessa figura com a qual se passa a estabelecer maior diálogo.

Por alteridade, Tzvetan Todorov (2014, p.3-4) explica que:

Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os “normais”. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.

Dessa forma, aliado às relações de domínio advindas do imperialismo, é possível notar também questões identitárias entre indivíduos de diferentes culturas nos episódios de imperialismo romano. O indivíduo dominado é o Outro, descrito por Todorov, e figura com o qual o romano passa a conviver mais intensamente dada a extensão dos domínios imperiais. Mas é a partir do período Augustano, segundo Guarinello, que a relação entre ambos deixa de obedecer ao princípio eminentemente econômico explorador e passa a atender ao caráter político ideológico. Desta forma, englobou um novo modelo que possibilitara a integração de determinados membros dos povos conquistados à cultura romana e ao *status* de cidadão.

Com a reordenação das províncias empreendida por Augusto, após o fim das guerras civis em Roma, o domínio romano perdeu suas características espoliatórias, assumindo a forma de um sistema de exploração regular e estável, cujo corolário político e ideológico foi a “paz romana”. A importância das presas de guerra caiu enormemente e, embora o tributo anual se elevasse, os abusos de publicanos e governadores foram coibidos, com o surgimento de uma administração mais eficaz e burocrática. Aos poucos, no curso dos três séculos do principado, a distinção entre centro e periferia se atenuou, sobretudo em termos políticos, com a absorção das aristocracias provinciais na estrutura de poder em Roma. (GUARINELLO, 1994, p.67-68)

Assim, é notável o quanto o longo processo de assimilação e adaptação do modelo imperialista, tanto para Roma quanto para os povos dominados, moldou as relações externas romanas e a sua percepção do outro, como demonstram os autores. Esta percepção, por sua vez, intensifica a necessidade de autoafirmação em relação ao diferente, já que esse tende a fazer o mesmo e, por vezes, assume visões estereotipadas.

(...) os estudos sobre a história das viagens muitas vezes focalizam as maneiras estereotipadas pela qual uma cultura não familiar é percebida e descrita e o “olhar” do viajante, diferenciando o olhar imperial, o feminino, o pitoresco e outros tipos. (BURKE, 2008, p.86)

Dessa forma, assumir uma identidade própria passa a ser uma forma de resistência do Outro dominado contra o dominador romano, já que nega o papel ideológico identitário que esse lhe atribui. Contudo, quando o processo imperialista amadurece e permite a assimilação de determinados elementos sociais dos povos conquistados na sociedade romana, podendo conceder-lhes até mesmo a cidadania, este passa a ser um caminho possível para a manutenção da relação imperialista. Entre os dois casos está

presente a transformação cultural inevitável causada pelo contato entre culturas diferentes postas num choque de poder.

Além disso, evidencia-se, também, como o processo imperialista passou por diferentes fases que envolveram a mudança de interesses, de objetivos, de relações com os povos dominados e de forma de administração. Seja como for, a ideia geral do modelo imperialista romano se mantém como uma relação de poder político-econômico entre um centro dominante e uma periferia, que acarretam impacto em ambas as sociedades, em diferentes níveis, entre as quais se estabelecem trocas culturais e percepções identitárias, sujeitas também a um território específico, delimitado pela presença do povo dominado e pelo potencial de atuação do dominador, o qual pode fazer uso da violência para dar início ao processo ou mesmo para mantê-lo.

A ascensão política dos chefes militares

A política expansionista romana a partir do final do século II A.E.C. demandou uma atuação militar cada vez mais frequente e, por consequência, uma especialização equivalente do exército romano. Dessa maneira, o expansionismo tornou as ações dos chefes militares cada vez mais necessárias e esses souberam usar essa conjuntura para conseguir para si mesmos prestígio político e popular. Surge na figura de Sila, o primeiro exemplo de chefe militar que, movido pela sua rivalidade com o chefe militar Mário, invade Roma com seu exército. Segundo Greg Woolf (2017, p.178):

Sila deixou um legado sombrio. Não se tratava tanto das leis constitucionais, que foram violadas e abolidas durante os anos 70 sem que ninguém pudesse defendê-las, ou das reformas administrativas, sobre as quais não houve discussão. Mas o exemplo que ele deixou foi terrível. Sila foi o primeiro chefe militar a atacar Roma com um exército romano. Ele converteu a ditadura (originalmente uma medida de emergência concebida para momentos em que a cidade estivesse em perigo) em uma ferramenta para incapacitar a sociedade civil. Inventou a proscrição. Sua violência e as hostilidades que ela provocou assombraram Roma durante toda uma geração.

A partir daí o autor esclarece que a política romana ganhou um caráter pessoal. O que traz como consequência última desse momento as Guerras Civis romanas. De fato, havia uma relação pessoal e de dependência entre os soldados e seus generais, o que, aliado a autonomia cada vez maior destes últimos e suas legiões, explica em parte o medo do perigo potencial que representava esse tipo de figura. Essa autonomia, não raro, era

usada como meio para ascensão política e uma maneira de aumentar o prestígio e glória pessoal, como exemplifica Adrian Goldsworthy (2016, p.264):

As atividades de César e de Pompeu diferiam do modo como os romanos faziam guerra porque as decisões principais sobre onde deveriam operar eram feitas, em grande parte, pelos próprios comandantes, sem quase nenhuma orientação do Senado. A imensa maioria dos senadores reconhecia que suas operações beneficiavam Roma, mas eles devem ter ressentido ou invejado demasiadamente esses dois indivíduos que conquistaram tanta glória pessoal.

Para o período do primeiro triunvirato, a passagem de Goldsworthy deixa claro que a nova posição dos chefes militares despertou rivalidades entre as diferentes classes políticas, principalmente devido ao seu potencial de ascensão, já que, sob a justificativa de guerras defensivas ou expansão dos interesses romanos, a glória conquistada com a vitória recaía sobre o chefe militar.

Alimentados pelas rivalidades políticas inerentes ao jogo republicano, suas campanhas militares ultrapassaram o campo eminentemente estratégico e passaram a atuar como propaganda política, o que estimulou ainda mais a expansão imperialista romana. Um bom exemplo disso é o livro “Guerra das Gálias” de Júlio César, no qual o autor passa menos tempo justificando suas campanhas, mas sim, exaltando suas conquistas para o povo romano (WOOLF, 2017). Em determinado momento, algumas dessas conquistas deixam até mesmo de trazer vantagens econômicas ou estratégicas, mas estão tão integradas ao *ethos* imperialista romano que a busca por glória é justificativa suficiente para iniciar uma campanha. Como explica Mary Beard (2017, p.473-474):

Pelos duzentos anos seguintes, até o fim do século II d.C., essas duas visões incompatíveis do Império – consolidação versus expansão – coexistiram com surpreendente facilidade. Houve alguns poucos acréscimos ao território romano. Cláudio, por exemplo, contrabalançou sua imagem decididamente não militar ao receber os créditos pela conquista da Britânia e celebrar o evento com uma procissão triunfal em 44 d.C., a primeira em cerca de trinta anos. Isso tinha um valor simbólico considerável. Era a primeira conquista romana naquelas estranhas terras além do Oceano (o nosso conhecido Canal da Mancha) e transformou a temporária investida de Júlio César na ilha, cem anos antes, em uma ocupação permanente. Mas dificilmente poderia ser considerada expansão em grande escala, e ao longo das décadas seguintes ela seguiu para o norte em direção à Escócia muito lentamente. A prudente avaliação do geógrafo Estrabão, escrevendo no início do século I d.C. da viabilidade de se anexar a Britânia, é na realidade uma reveladora ilustração de uma cultura imperial de inédita cautela. Depois de descrever as características dos bretões (altos, de pernas tortas e esquisitos) e os recursos da ilha (cereais, gado, escravos

e cães de caça), ele argumenta que o custo da guarnição iria superar qualquer rendimento de impostos que pudesse obter. Mas Cláudio precisava de glória.

O extrato de Mary Beard nos auxilia a compreender como o comportamento imperialista foi usado com fins propagandísticos no intuito de justificar seu poder e manter sua influência, como foi feito pelo imperador Cláudio. Mas, o interessante é como esse imperador continua uma campanha iniciada por Júlio César, enquanto chefe militar em ascensão, que tinha o objetivo original de conquistar a glória pessoal, e o imperador a retoma pelo mesmo motivo. A temática fica evidente nas palavras de Goldsworthy (2016, p.265-266):

A razão declarada por ele [Júlio César] para realizar a invasão era que acreditava em que os gauleses tivessem sido ajudados pelos britânicos durante as recentes campanhas. Isso não é impossível, mas é improvável que tal apoio tenha sido em grande escala. Suetônio nos dá outro motivo, afirmando que sua predileção pessoal por pérolas o levou à Britânia, a qual acreditava-se ser rica nesse produto. Entretanto, mais do que qualquer outra coisa, foi, de fato, o desejo tipicamente romano de realizar algo nunca feito antes por outro comandante. A Britânia era uma terra prodigiosa, cujos habitantes combatiam em carruagens do mesmo modo que os heróis da *Iliada*, uma técnica que os gauleses abandonaram séculos antes. César conquistou a submissão formal das tribos do Sudeste, impondo a elas um tributo anual, embora não saibamos se alguma vez elas o pagaram. O mais importante foi que, por essa realização, o Senado declarou um período mais longo de ação pública de graças, mais do que havia concedido antes. Não importava que as duas expedições tivessem quase se tornado um desastre, quando a maior parte da armada invasora foi avariada ou destruída por tempestades, indicando que as expedições naufragariam na ilha. Para muitos comentaristas modernos, as expedições britânicas pareciam mal preparadas e perigosamente imprudentes.

O autor demonstra, mais uma vez, como a conquista da Britânia, desde o início da campanha de César até a sua conquista por Cláudio, teve um propósito oculto entre as diversas justificativas para a dominação – era a glória pessoal, a ascensão e manutenção do status político das figuras à frente desse processo. E o período anterior ao principado proporcionava espaço suficiente para chefes militares ambiciosos e habilidosos fazerem um nome para si na carreira política.

Agrícola, o cidadão ideal entre os romanos

A questão dos chefes militares e a sua busca por grandeza política se insere em um contexto maior da tradição romana – a idealização do caráter virtuoso dos indivíduos

exemplares. Nesse aspecto, Plutarco diz que, para se defender de seu inimigo, é necessário tornar-se belo e bom, ou, em outras palavras, tornar-se um indivíduo virtuoso, de tal maneira que não seja possível atacar sua integridade e minar sua influência e poder. Isso, portanto, justifica o caráter propagandístico das campanhas militares e as rivalidades entre os generais derivadas dessas ações, já que, a busca pela imagem virtuosa era um dos componentes dessas rivalidades, incentivada pelos exemplos de grandes indivíduos do passado.

Todas aquelas histórias sobre a coragem, o heroísmo e o autossacrifício romanos que ele [Políbio] deve ter ouvido – contadas e recontadas em volta de fogueiras de acampamentos militares ou em mesas de jantar – não eram simples entretenimento, concluiu. Tinham a função de incentivar os jovens a imitarem os feitos nobres de seus ancestrais; eram um aspecto do espírito de emulação, ambição e competição que ele viu percorrer a elite da sociedade romana. (BEARD, 2017, p.184)

O exemplo transmitido por esses grandes nomes, descritos pela autora, através de suas virtudes as apresenta como características valorizadas entre o povo romano, mas, principalmente, almejadas pelas grandes figuras, como os chefes militares. Ter prestígio entre os cidadãos romanos era tão importante quanto ter poder de ação, pois os legitimava. Dos indivíduos ilustres, portanto, se esperava um caráter virtuoso, sendo eles bem avaliados quando correspondiam a esse padrão comportamental ou mal avaliados caso desviassem desse modelo. Dessa forma, distinguia-se, dentre os demais, aqueles reconhecidamente justos, prudentes, verdadeiros, clementes, corajosos, despretensiosos, e ávidos pelo aprendizado e trabalho, em detrimento daqueles aos quais faltavam essas virtudes.

É possível ver na obra de Tácito a extensão desse perfil idealizado. Em sua obra “Agrícola”, o autor passa grande parte do tempo buscando enquadrar o chefe militar Agrícola, seu sogro, em uma figura de caráter virtuoso. Seja por admiração pessoal ou porque o elogio ao homem que era seu sogro refletiria em seu próprio caráter, Tácito passa grande parte da obra discutindo valores virtuosos. O que demonstra o seu envolvimento particular e interesse próprio na história contada. Michel de Certeau (2017, p.47) chama a atenção para o contexto de produção de um documento:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os

métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam.

Conforme posto acima, Tácito estava imerso em seu contexto socioeconômico, político e cultural. O autor, como membro da elite política, procurava criticar a ausência das virtudes defendidas por ele. Ao enaltecer Agrícola como chefe militar e também como cidadão romano de posse de cargos de alta responsabilidade Tácito acaba por revelar aquilo que ele considera o perfil ideal de um indivíduo proeminente, ainda que reconheça que o período em que viveu tenha limitado o potencial de grandeza do chefe militar, já que, “nas gerações anteriores, o caminho para conquistas memoráveis era menos difícil e mais aberto” (TÁCITO, *Agrícola*, I,2) ¹. Isso se expressa em diversos momentos nos quais o autor exalta como Agrícola teve de conter seu sucesso nos relatórios e, conseqüentemente, reduzir sua gratificação, visto que a paixão pela glória militar “não era bem-vinda naqueles dias, quando a distinção despertava reações desfavoráveis e uma grande reputação era não menos perigosa que uma ruim.” (TÁCITO, *Agrícola*, V, 2). Comedimento, diferente do que seria feito caso estivesse na época de ascensão dos grandes chefes militares como Sila, Pompeu e César.

Contudo, ainda que o período exigisse discrição, isso não impediu que Agrícola se destacasse de outras maneiras, provando-se cada vez mais um indivíduo virtuoso como eram os idealizados líderes dos tempos anteriores. Na obra de Tácito, o autor gratifica o chefe militar não só por seu caráter individual, mas também pelo fato de que o próprio contexto que o cercava tendia à corrupção e esse mostrou-se imune ao vício. Por exemplo, quando Agrícola assumiu o cargo de questor na Ásia, o cônsul era Lúcio Sálvio Otão Ticiano, e Tácito descreve este como um dos momentos da excepcionalidade de Agrícola diante do ambiente a que foi exposto, já que:

Para questoria a sorte atribuiu-lhe a província da Ásia e como cônsul Sálvio Ticiano. Ele não foi corrompido por nenhum dos dois, ainda que a província seja rica e aberta a malfeitores, enquanto o cônsul, que era propenso a todas as formas de ganância, estava pronto para garantir uma cobertura mútua para a conduta ilegal. (TÁCITO, *Agrícola*, VI, 2)

Nesse momento, Tácito faz o primeiro contraponto que enaltece o chefe militar, apresentando-o como ideal da honra em detrimento ao ideal de desvio e da corrupção atribuído ao cônsul. Essa comparação, portanto, vai além do campo da propaganda por si só, neste caso, realizada por Tácito em favor de seu sogro. Na percepção comportamental do imaginário romano que, privilegia o ser virtuoso e condena o vicioso, Plutarco cita

Platão, ao dizer que “todo o ouro que existe embaixo da terra e em cima da terra não é equivalente à virtude” (PLUTARCO, Como tirar proveito dos seus inimigos, XI, 1). Além disso, esse trecho ainda se sustenta em outro campo que engrandece ainda mais a imagem de Agrícola, já que é feito por uma associação ambivalente sustentada numa visão maniqueísta de fácil percepção pelos leitores, que, prontamente, se inspiram no caráter idealizado do chefe militar, percebendo, ao mesmo tempo, a crítica feita àqueles que não agem como ele, “pois nada é invejável nem belo quando nasce do que é vergonhoso” (PLUTARCO, Como tirar proveito dos seus inimigos, XI, 1).

Além dos elogios isolados ao caráter e aos feitos do general, Tácito continua, então, fazendo uso do recurso da comparação como meio de enaltecimento. Desta forma, elas crescem de tal maneira que não se prendem mais a distinção entre cargos e ocupações, na medida em que coloca em nível de igualdade as ações de um pretor com as de um imperador. Assim, diz o autor que:

Sua pretoria correu o mesmo caminho silencioso, pois nenhuma presidência de tribunal caiu para ele. Ele conduziu os jogos e os shows vazios de seu escritório com um compromisso entre economia e excesso; estando longe de ser extravagante, ele chegou perto da aprovação popular. Naquela época, ele foi selecionado por Galba para fazer um inventário dos tesouros do templo. Como resultado de seu exame minucioso, era como se o povo nunca tivesse experimentado um sacrilégio nas mãos de ninguém além de Nero. (TÁCITO, Agrícola, VI, 3)

Conforme apresentado acima, o autor continua com os contrapontos, dessa vez, entre o responsável, que dá valor a seu trabalho e o faz com eficiência, e o irresponsável, que não valoriza os recursos do império e prioriza suas próprias vontades em relação ao bem comum. Ou seja, a figura de maior expressão política no império se mostra corrupta e viciosa. O imperador, que deveria ser o maior exemplo do comportamento virtuoso, tão valorizado na sociedade romana, age de forma completamente oposta ao que dele é esperado. Enquanto isso, um pretor é capaz de, através de sua habilidade e esforço, reorganizar o estrago feito pela negligência do imperador aos tesouros dos templos, provando-se não só honesto como também capacitado, o que o torna o exemplo das virtudes que faltaram ao imperador.

Esse é o discurso criado por Tácito para enaltecer Agrícola e, assim criar um perfil específico e modelo idealizado a ser seguido. Ao longo da obra ele continua as comparações que, até então, se restringem apenas à sociedade romana, contudo, uma vez que começa a narrar os feitos do chefe militar desde sua chegada à Britânia essas

comparações passam a incluir o povo bretão, para o qual ele também cria uma identidade específica com o propósito definido de continuar seu elogio ao perfil de Agrícola. Essa estratégia retórica é discutida por Michel Foucault (2008, p.54-55):

(...)Já que é preciso, às vezes, acentuar ausências, embora as mais evidentes, direi que, em todas essas pesquisas em que avancei ainda tão pouco, gostaria de mostrar que os "discursos", tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. "As palavras e as coisas" é o título - sério - de um problema; é o título - irônico - do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Desta maneira, é demonstrado pelo autor que a criação de um discurso sobre um determinado objeto de análise acaba criando uma imagem sobre ele que não necessariamente era um fato consolidado antes do discurso. Ou seja, o discurso cria aquilo sobre o que fala e é provavelmente esse o intuito de Tácito ao observar os povos da Britânia.

Idealização de Agrícola através da identidade bretã

Na obra de Tácito, a partir da chegada de Agrícola à Britânia, o discurso comparativo se estende para além do comportamento romano, traçando paralelos com o *ethos* bretão. Daí em diante, é possível ver como Tácito revela a sua visão sobre esse povo, que, por sua vez, se adapta às situações nas quais Agrícola ou outros romanos ilustres se encontram em relação a eles.

Dessa forma, há um momento, por exemplo, em que Tácito estabelece uma relação entre a atuação de Caio Suetônio Paulino e Agrícola (TÁCITO, Agricola, XVIII,

3), considerando que ambos foram governadores da Britânia e chefes militares que atuaram em suas campanhas. Assim, diferente dos casos anteriores, o autor não desqualifica o trabalho de Suetônio, e até mesmo lhe atribui uma boa administração e um bom comando militar. Foi, então, durante seu governo que ocorreu a Revolta de Boudica, que abalou o domínio romano na ilha, mas foi reprimida, segundo Tácito, graças à ação rápida do chefe militar. Sobre esse episódio, é interessante perceber o teor da análise do autor sobre a atuação de Boudica, líder dos icenos e da revolta contra o domínio romano.

Incentivados por encorajamento mútuo desse tipo, com Boudica, de origem real, uma mulher, como líder deles - pois eles não distinguem entre os sexos quando escolhem os comandantes -, todo o povo iniciou uma guerra. Caçando os soldados dispersos entre os fortes e tomando suas defesas tempestuosamente, eles irromperam na própria *colonia*, que viram como a sede de sua escravização. Nenhuma forma de selvageria comum aos bárbaros foi omitida: eles ficaram enfurecidos e conquistaram. Se Paulino não tivesse vindo rapidamente ao resgate assim que soube da insurreição na província, a Grã-Bretanha estaria perdida. Uma única batalha bem-sucedida restaurou-a a sua antiga submissão. Mas muitos mantiveram suas armas. Eles foram influenciados pela consciência de sua culpa como rebeldes e por seu medo pessoal do chefe militar - no caso de este homem excelente tomar medidas arbitrárias contra aqueles que se renderam e punir todas as ofensas com severidade indevida, como se fosse um ato pessoal de afronta. (TÁCITO, *Agrícola*, XVI, 1)

Nessa passagem, Tácito destaca o fato de a revolta ter sido liderada por uma mulher, ao dizer que os bretões não fazem distinção entre os sexos quando escolhem comandantes, o que implica como contraponto com a sociedade romana. A princípio, contudo, parece que o destaque comparativo termina aí. Porém, a observação sobre a selvageria de suas ações contra os dominadores os qualifica como seres portadores de violência irracional, quando de fato estavam lutando contra o regime de dominação que lhes foi imposto, nas palavras do próprio autor. É interessante perceber como isso não parece ser uma justificativa válida para suas ações, mas qualquer violência excessiva usada como retribuição pelo chefe militar romano seria justificada, já que ele é um homem excelente. Rebeldia e selvageria seriam então um traço da identidade original do bretão não inserido na lógica imperial romana. Isso fica evidente em outro momento onde Tácito parecia antever uma possível revolta contra o regime opressor.

Os próprios bretões se submetem prontamente ao recrutamento e taxas e obrigações impostas pelo império, desde que não haja abuso. Isso eles não estão dispostos a tolerar: eles agora foram submetidos à obediência, mas ainda não à escravidão. (TÁCITO, *Agrícola*, XIII, 1)

Dessa forma, o autor mostra como os bretões deixaram clara a condição de sua submissão e, quando esta foi violada em favor da inserção da Britânia no modelo imperialista romano, Tácito os condena pela revolta. Contudo, o autor relata outro exemplo de convivência que, ao contrário da anterior, elogia:

Certos estados foram concedidos a Cogidumnus como rei: ele permaneceu o mais fiel até o momento em que eu me lembro. É uma prática antiga e agora há muito estabelecida do povo romano de usar até mesmo reis como instrumentos de escravização. (TÁCITO, *Agrícola*, XIV, 1)

Essa passagem de Tácito demonstra como os bretões eram passíveis de elogio, nesse caso pela sua lealdade, quando cooperavam com o domínio romano. Isso ressalta como o perfil atribuído pelo autor aos bretões transitava entre diferentes instâncias de reconhecimento na medida em que atendiam às demandas do imperialismo romano.

Já a partir do governo de Agrícola, é interessante notar como as ações políticas de integração dos bretões ao regime imperialista, promovidas pelo governador, que chega a tomar filhos de reis nativos para tutelá-los na tradição romana, tornam a percepção de Tácito sobre esse povo em algo mais homogêneo, já que agora estão mais próximos da cultura romana e conformados com a dominação. Isso fica evidente no comportamento que passam a adotar, imitando a tradição romana.

O resultado foi que aqueles que ultimamente haviam rejeitado a língua romana agora concebiam um desejo pela eloquência. Assim, até mesmo nosso estilo de vestir veio a favor e a toga estava em toda parte para ser vista. Gradualmente, também, eles se desviaram para as seduções de caminhos malignos, colunatas e banhos quentes e banquetes elegantes. Os bretões, que não tinham experiência disso, chamaram de civilização, embora fosse parte de sua escravização. (TÁCITO, *Agrícola*, XXI, 2)

Assim se conclui o processo de dominação dos povos bretões, que fornece, finalmente a visão desejada por Tácito para sua identidade: a de um povo dominado que está agora a serviço de Roma e pode ser explorado por Agrícola, seu governador, como forma de ascensão através dos feitos que realiza na província. A partir do momento em que Agrícola consolida o projeto imperialista romano, Tácito volta-se novamente ao projeto idealizador da imagem do cidadão romano através do governador, usando para isso a identidade bretã moldada por ele. O autor ressalta novamente a excepcionalidade de Agrícola ao destacar a conquista do que o excelente Suetônio não foi capaz de alcançar enquanto governou. Quando Agrícola assume o governo da Britânia, o escritor relata que a conquista da Ilha de Mona foi uma de suas primeiras ações ao assumir o comando, o

que era por si só um feito improvável, visto que ocorreu no final do verão, período de descanso e relaxamento das tropas. Além disso, diz Tácito que:

Assim, depois que pediram a paz e entregaram a ilha, Agrícola era agora considerado um homem famoso e grande: ao entrar na província, período que outros gastavam em cerimônias e solicitando atenção, ele preferia o trabalho e o perigo. Agrícola não explorou seu sucesso para se glorificar, mas descreveu sua campanha e vitória como "manter um povo conquistado sob controle". Ele nem utilizou despachos com coroa de louros para relatar suas ações. Mas o fato de que ele disfarçou sua fama na verdade o tornou mais famoso. As pessoas mediram suas esperanças para o futuro por sua reticência sobre tais grandes feitos. (TÁCITO, *Agrícola*, XVIII, 4)

Deste modo, evidencia-se que, mesmo quando elogia a figura que contrasta com Agrícola, o autor faz o chefe militar se sobressair através do indivíduo ao qual compara. No caso apresentado, isso é simbolizado pela consolidação da conquista da Ilha de Mona, que não pôde ser concluída por Suetônio. Além disso, nesse mesmo trecho, ainda é perceptível a continuidade do modelo de análise elogiosa de Tácito em relação a seu sogro, ao acrescentar ao seu perfil a virtude da coragem, por escolher lutar mesmo em uma ocasião de perigo; novamente a virtude da avidez pelo trabalho, por preferi-lo ao ócio; e também mais uma vez a virtude da moderação, ao não exaltar sua conquista, mesmo sendo esse o comportamento que, ironicamente, traria a sua maior fama, segundo o autor.

Há ainda outro exemplo de comparação elogiosa deste tipo. Após conquistar o território que ficaria delimitado como o limite da fronteira da Britânia, Agrícola parte para a região da Caledônia (atual Escócia) para enfrentar as forças rivais restantes. Lá enfrenta o exército da resistência bretã, cujo líder, entre outros, é louvado como excepcional assim como Agrícola. Sobre isso o autor diz que:

Os bretões não foram, de fato, desestimulados pelo resultado da batalha anterior: esperavam vingança ou escravidão. Eles finalmente aprenderam a lição de que um perigo comum só poderia ser evitado por uma frente unida. Por meio de embaixadas e alianças, reuniram as forças de todos os seus estados. Mais de trinta mil homens armados podiam ser observados, todos os homens jovens e guerreiros famosos, cuja "velhice ainda era fresca e verde", cada homem usando as decorações que havia ganhado, exibindo-as. Agora, um proeminente entre os muitos líderes, por seu valor e nobreza, Calgaco pelo nome, enfrentou a multidão reunida enquanto clamavam pela batalha. (TÁCITO, *Agrícola*, XXIX, 3)

Nesse trecho, o autor traça alguns pontos interessantes a serem analisados. O primeiro deles ainda diz respeito à transformação que a ação imperialista romana causou na cultura bretã. Isso porque Tácito revela que foi o avanço romano que fez os povos da Britânia, antes separados em tribos, finalmente se unirem para combaterem, juntos, uma ameaça em comum. Ou seja, a presença romana demandou uma mudança no comportamento militar e social bretão. Além disso, o autor também evidencia virtudes tipicamente romanas presentes no líder bretão, como se reconhecesse, agora, que estes eram tão capazes de tal comportamento quanto os romanos. Contudo, é mais provável que essa seja outra estratégia retórica de Tácito para enaltecer Agrícola, já que, ao final da batalha, é o governador romano quem sai vitorioso e supera um oponente tão excepcional. Essa ideia se fortalece quando é considerado o fato de que os únicos elogios feitos ao povo bretão anteriormente foram relativos a sua obediência e aceitação do imperialismo romano.

No campo ideológico, essa passagem ainda revela outro aspecto da tradição romana, já que retoma a questão da rivalidade entre indivíduos excepcionais, o que se explica nas palavras de Greg Woolf (2017, p.183): “A rivalidade entre indivíduos era tradicional na política romana. Escritores romanos chegavam mesmo a idealizá-la, vendo a competição para superar o outro em virtudes como uma das forças motrizes do sucesso romano.” Dessa forma, Agrícola, mais uma vez, enfrenta um inimigo no campo da ética. Contudo, esse, assim como foi com Suetônio, é uma figura de caráter semelhante ao do chefe militar, o que mais a frente só aumenta o mérito da conquista de Agrícola sobre Calgaco. Dessa maneira, o autor também faz uso da estratégia de elogiar o rival para aumentar o valor da própria vitória sobre ele, atuando como propaganda da grandeza do chefe militar. Essa prática vai de encontro ao que diz Plutarco:

(...) não se deve poupar elogio nem honra de um inimigo, quando esse homem adquiriu com justiça boa reputação. Pois realizar um elogio é melhor àqueles que elogiam, e traz a confiança se outra vez sofrer uma acusação, como não por odiar o homem, mas por reprovar a sua ação; mas o que é mais belo e mais útil é quando ele se coloca mais distante da inveja, quando seus amigos estão tendo boa sorte e seus familiares estão sendo bem-sucedidos por ter se acostumado a elogiar, não se morder de inveja nem olhar com olhar malévolo quando eles obtêm sucessos. (PLUTARCO, Como tirar proveito dos seus inimigos, IX, 2)

A última comparação feita com Agrícola envolve o imperador Domiciano, cujas características apresentadas por Tácito são os vícios da inveja, do fracasso tático e da mentira, e fazem contraponto às virtudes de Agrícola da modéstia, da inteligência tática

e da honestidade. O retorno bem-sucedido de Agrícola do seu comando na Britânia despertou então a inveja e o repúdio do imperador, que, recentemente, passou por uma campanha fracassada na Germânia. O autor diz que:

Os despachos de Agrícola sobre esse curso de eventos, embora não exagerados por linguagem prepotente de qualquer tipo, produziram uma reação característica por parte de Domiciano: sua expressão era de deleite, mas em seu coração ele estava inquieto. Ele estava bem ciente de que seu recente falso triunfo sobre a Germânia havia beirado ao ridículo – escravos tinham sido comprados no mercado, que podiam, com roupas adequadas e seus cabelos tratados, parecerem prisioneiros de guerra. Mas agora ele viu uma genuína e grande vitória, com tantos milhares de inimigos mortos, ganhando elogios irrestritos do público. O que mais temia era que o nome de outro indivíduo fosse exaltado acima do imperador. (TÁCITO, *Agrícola*, XXXIX, 1)

Dessa forma, a grande fama conquistada por Agrícola através de seus feitos, que o tornaram detentor de tantas virtudes, pôde nesse momento ofuscar a imagem do próprio imperador, tornando possível a percepção de que no ideal romano, em Tácito, o perfil virtuoso está acima de cargos políticos. Isso porque, deste último, mesmo que inconscientemente, é esperado o comportamento mais exemplar, como fica evidente em outra passagem do autor, onde diz que “Outros talentos poderiam ser mais facilmente ignorados; bom comando militar pertencia ao imperador” (TÁCITO, *Agrícola*, XXXIX, 2). Ou seja, algumas virtudes deveriam ser exclusivas dele, o que não é sempre correspondido como pôde ser visto.

Conclusão

Por fim, os exemplos analisados demonstram que, ao longo da obra “Agrícola”, Tácito constrói uma imagem de Agrícola baseada naquilo que é valorizado pela sociedade romana, o perfil virtuoso. Ele o apresenta, como um indivíduo corajoso, honesto, modesto, responsável, habilidoso, prudente e despretensioso. Através da tradição da rivalidade, atribui a ele vitórias não só no campo de batalha como também no campo das ideias. Para isso, faz uso de comparações da atuação do chefe militar romano com outros semelhantes e, quando propício, cria em seu discurso uma identidade própria para o povo bretão que se torna instrumento para o enaltecimento das conquistas de Agrícola. Dessa maneira, a descrição de Tácito sobre os povos da Britânia é feita com um objetivo pré-estabelecido que não se encaixa na percepção deste povo por si mesma, mas sim na propaganda das ações do chefe militar que os conquistou. Por conta disso, essa identidade

é volátil e se molda de acordo com a necessidade do contexto. Ao mesmo tempo em que isso é feito, Tácito também denuncia, através da oposição com o comportamento que idealiza, os comportamentos viciosos daqueles a quem critica, o que tem como resultado último a projeção da imagem de Agrícola não só como um bom chefe militar e político de sua época, mas como um exemplo de virtude e vitória individual a ser seguido pela posterioridade, tornando o homem, que teve sua grandeza limitada pela conjuntura de sua época, num gênio idealizado.

Notas

¹ Todos os trechos citados de Tácito são de tradução própria a partir da obra traduzida em inglês por Anthony R. Birley.

Bibliografia

- BEARD, Mary. *SPQR: Uma história da Roma Antiga*. 1.ed. São Paulo, SP: Planeta, 2017.
- BURKE, Peter. *O Que é História Cultural?* Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.
- BUSTAMANTE, R. M. C.; DAVIDSON, J.; MENDES, N. M. A Experiência Imperialista Romana: Teorias e Práticas. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.1, n.18, pp. 17-41, Março 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3.ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2017.
- FOUCAULT, Michel de. *A arqueologia do saber*. 7.ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.
- GOLDSWORTHY, Adrian. *Em nome de Roma*. 1.ed. São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2016.
- GUARINELLO, N. L. *Imperialismo Greco-Romano*. 3.ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1994.
- PLUTARCO. *Como tirar proveito dos seus inimigos*. 1.ed. São Paulo, SP: Edipro, 2015.
- TACITUS, Cornelius. *Tacitus Agricola Germany: A new translation by A. R. Birley*. Estados Unidos: Oxford University Press Inc., 1999.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: A Questão do Outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2014.
- WOOLF, Greg. *Roma: A história de um império*. 1.ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2017.